

Emancipação será ruim para o índio

O sertanista Leóldio Calado, superintendente estadual do Meio Ambiente, afirma que "o índio não tem alcance do que seja emancipação. Acostumado a receber objetos insignificantes, que para ele representam muito, não deseja se libertar de sua tutela ou se emancipar. A emancipação na vida do ser humano é tão importante, que só os mais capazes é que podem ser emancipados, seja na comunidade indígena ou em qualquer outra. Porque, sendo inapto, o homem não se pode tornar liberto, livre ou independente, seja onde for. Mas, a emancipação entre os índios só pode acontecer com aqueles que estão aptos a lutar e que se acham preparados para ganhar a vida".

SERTANEJO DIFERENTE

Afirma ele que "o sertanejo, esquecido e muitas vezes espoliado de sua terra, tem a sua posse, planta e cria o seu rebanho. E porque o sertanejo aprendeu a plantar e colher e não está mais na fase de caçar e pescar, sem nunca ter conhecido um serviço de proteção. Porque só plantando e colhendo é que o homem pode ter a sua independência no meio rural. Algumas tribos que aprenderam a agricultura, cultivando a terra para os seus sustentos, comercializando o produto das lavouras, caminham para a independência ou emancipação. O índio não sendo emancipado, será sempre um dependente da tutela, visto como um animal da selva, não tratando com igualdade, só visitado por curiosidade. Há muitas teorias para melhores condições sociais e humanas do índio. Mas, aqueles que falam sobre os índios, a maioria, nunca viu o índio e não tem ideia do que seja a vida do homem nascido e criado nas selvas, contando com precários conhecimentos. Se escrever e falar sobre o índio fosse levado a sério, o brilhante escritor José de Alencar seria, sem dúvida, um dos maiores indigenistas brasileiros. Em 1945 um médico, professor inteligente e culto escreveu um livro "Carajás", com somente 30 dias entre os índios, e chegou a ser premiado e conhecido como um dos melhores livros sobre os índios".

FENOMENO ECOLOGICO

"Prosegue Leóldio Calado: "Conhecer o índio não é fácil. É preciso de longa convivência no seu meio-ambiente, a fim de compreender o seu dialeto, costumes e cultura. Na atualidade, é muito difícil ver um civilizado que possa permanecer grande parte da existência entre os índios, nas distantes terras. Só aqueles que se sacrificam em permanecer entre os índios, vivendo e igualando ao seus primitivismos, é que podem compreender e melhorar as condições de nossos irmãos das selvas. O desaparecimento do índio é um fenômeno ecológico. E preciso educar e emancipar o índio para que ele seja o futuro chefe da Funai e não o seu tutelado. O índio, usando as armas primitivas, somente abatendo o animal para alimentação ou por necessidade, é um conservador. O maior Parque Biológico do Centro Oeste era a área dos Xavantes quando eram arredios e vigilantes de suas terras. Quando foram domesticados os civilizados penetraram em suas áreas, abateram os animais e pescaram os peixes, criando dificuldades para a sobrevivência dos índios. O índio quando mata o animal é por necessidade, diferente do desportista do asfalto que mata pelo prazer. Mas, instigado pelo branco, de espingarda nas mãos, com as redes de pesca, o índio para vender o produto da caça e pesca, pode matar além do que ele precisa, porque para o comércio é necessário matar em alta escala".

SABIDO E VELHACO

"O branco, sabido e velhaco, aproveita a ingenuidade do índio e lhe compra os produtos por preços ínfimos, obtendo grandioso lucro. Nós sempre auxiliamos os índios e sertanejos ribeirinhos, mas se combatemos as predações instigadas pelos brancos, motivadas pelo comércio, é justamente para não falar o alimento aos nossos irmãos. Uma proteção eficiente ao índio não é fácil, porque o Brasil é muito extenso desenvolvendo-se em todos os setores, sem gente especializada, com uma numerosa população indígena espalhada por todo o território. É preciso que haja sertanistas e indigenistas capacitados, para num sacrifício e idealismo, sofreram as condições adversas do ambiente primitivo, em contraste com o mundo civilizado, para melhorar as condições de vida dos habitantes das selvas. É por isso que nós precisamos de colaborar e não destruir os trabalhos que protegem o índio. A

maioria das críticas que vemos e ouvimos sobre a Funai e índios, não são sinceras, talvez, por falta de conhecimento e informações. Se os trabalhos atuais de proteção ao índio, são deficientes, sem eles, será muito pior e desastrosos" — frisou.

A MERCE DE INESCRUPULOSOS

O titular da Sema continua: "Vamos ser sinceros, nós sabemos que os índios não podem ser emancipados, porque ficarão a mercê dos civilizados inescrupulosos. Portanto, a Funai deve continuar a sua marcha e nós todos devemos colaborar nesse trabalho que foi imaginado e começado pelo grande Bandeirante que explorou a maior área de terras tropicais do mundo e um dos grandes indianistas mundiais, o Marechal Rondon.

Quando se fala em emancipação do índio os que se dizem estudiosos do assunto, protestam. Mas, está havendo uma incompreensão: porque se emancipar o índio é desastroso, muito pior para o índio seria a falta de proteção da Funai. O índio precisa ser liberto e se igualar a nós civilizados. Só assim haverá respeito e igualdade entre os irmãos do asfalto e os das selvas, continuando, sempre sobre as diretrizes de órgãos federais. Passar a proteção ao índio para a esfera estadual é impossível porque vai acelerar a extinção completa dos nativos. Guardar o índio longe da civilização já não é mais possível. O problema do índio não é sentimental mas intelectual. Com o aumento populacional e com a crescente tecnologia contemporânea, é difícil preservar grandes e inúmeras áreas destinadas ao índio. A poluição do meio-ambiente e o aproveitamento das terras para a criação de gado e plantio de lavouras, forçosamente vão atingir e modificar todas as áreas rurais, por mais distantes que sejam. Eis, porque devemos nos alertar a fim de evoluir o índio para uma fase mais avançada, menos romântica, porém, mais real, que é plantar e colher, única maneira de sobrevivência futura no meio rural. A entrada na região amazonense não tem sido bem esclarecida. Uma região tão grande não pode continuar improdutivo, onde grandes áreas são adquiridas e trabalhadas por estrangeiros. Ou nós trabalhamos nossas terras ou outros trabalharão por nós. Ou nós sejamos proprietários de fato de nossas terras ou outros serão.

O que se precisa fazer é tomar conta de nossas terras, com plano e técnica, para que a região não seja transformada em área estéril. O que se passa com nós aqui no asfalto é que ignoramos o que acontece nas distantes terras. Somos bastante ignorantes no que se refere ao meio ambiente rural e quando ouvimos exposições a respeito, quase sempre não condiz com a realidade. E assim sendo o público é informado incorretamente com distorções dos fatos".

TOPLESS NO XINGU

Leóldio Calado conclui: "Aqui em Goiânia, durante a Semana do Índio, entre nós está um funcionário da Funai que reside com sua esposa entre os Xavantes, há mais de 35 anos, ensinando e sofrendo junto aos irmãos das selvas, todas as vicissitudes, para ensiná-los a ter melhores condições de vida, Ismael da Silva Leitão. A esse humilde servidor, sincero, esforçado e idealista, as nossas homenagens e sinceros cumprimentos. É difícil de se encontrar homens dessa fibra, útil e humano, que sacrifica a existência para servir aos nossos irmãos esquecidos, só lembrados como uma espécie de curiosidade ou em dias festivos aqui no asfalto. Ainda não compreendemos os significados dos dias da Árvore, do Índio, e de outros mais, porque é certo que enquanto fazemos poesias e apologias no asfalto, sobre as árvores, os tratores estão derrubando milhões em toda a parte. Enquanto estamos nos tergiversando sobre os índios, em festivos dias, muitos estão morrendo de malária ou tossindo, tuberculoso, em distantes terras. O índio despido, armado de bordunas e flechas já está se tornando "espécie rara" e muitos dos domesticados já estão, em fase de extinção. Os índios do vale do Araguaia já não são os mesmos Carajás e Javaés de alguns anos passados. Os seus costumes foram bastante mudados e juntos com as turistas de biquini, as índias são bem mais agasalhadas. Se um galato desejar ver um topless indígena, só mesmo se viajar em direção ao Xingu, e se for especialmente recomendado e encomendado".